



Carlos Morais José
hoje@macau.ctm.net

aoutraface

Rosebud ou o reino do vazio



retrato mais completo dos vícios e das virtudes dos americanos está, indubitavelmente, no seu próprio cinema. É na tela que se revelam as suas grandezas e baixeiras, que os Estados Unidos realizam o seu exercício mais perfeito de criatividade e sublimação. É como se o que não estivesse representado no celulóide,

agora também no digital, não existisse realmente, enquanto fenómeno merecedor de observação e estudo. O cinema americano tornou-se no grande painel mitológico da nossa era. Painel onde desfilam heróis e vilões, grandes e pequenos amores, os nossos actuais desencontros, enfim, o novo mundo que a globalização entretece todos os dias, as pequenas comunidades isoladas e os grandes solitários.

qualquer que seja a sua origem. Para isto é preciso que o governo assuma as suas responsabilidades, apoiando realmente iniciativas culturais que, no médio prazo, podem ser extremamente importantes para a cidade.

Devo saudar, por exemplo, o aparecimento da livraria Bloom, que injecta algo de novo no anémico panorama das livrarias de Macau e ainda por cima está situada num bairro tradicional da cidade, colaborando assim na tão necessária revivificação destes espaços. O que realmente aqui me aflige são as potencialidades, até agora ignoradas, de tantos sítios de Macau onde seria possível desenvolver actividades culturais das mais diversas. Este tipo de espaço desempenha igualmente um importante papel pedagógico juntos dos mais novos, na medida em que são janelas para horizontes que se afastam da roleta do jogo. Não temos uma cinemateca, não temos um museu da fotografia (sabiam que a primeira fotografia — por Jules Nicéphore Niépce — foi feita em 1826).

Está ali, para ser desfrutado, estudado, comparado, dissecado. E só não vê mesmo quem não quer. Até porque, grande parte dele, é-nos enfiado pelos olhos adentro.

Na melhor tradição desta mitologia, "Citizen Kane", de Orson Wells, retrata a ascensão e queda de um homem que só os Estados Unidos poderiam produzir, numa espécie de sinfonia megalómana, grandiloquente, na qual a palavra Rosebud desempenha o papel de horizonte absurdo que é ao mesmo tempo motor de toda a história. Em "Rosebud", na sua demanda e conquista, reside a ironia da História, o absurdo da corrida desenfreada por dinheiro ou poder, a vã glória de um ego desmesurado. Depois de tudo, a palavra mágica — que nos remete, num outro sentido, para Fellini —, que abrirá as portas dos mais bem escondidos mistérios, escancara unicamente a vida sobre o vazio. "Rosebud" ou o sonho americano esvaziado de outro conteúdo que não seja o próprio decorrer de algo "larger than life". Algo cujo conteúdo se esgota no próprio acontecimento e sem memória futura.

Desculpem-me os leitores que nunca viram "Citizen Kane" ("O Mundo a Seus Pés", numa das melhores adaptações de um nome de filme feita em Portugal — rivaliza com "Os Cavalos Também se Abatem"), mas ainda esta semana tiveram oportunidade para isso, no canal em português da televisão local. Aliás, a TDM apresenta agora uma excelente programação em termos de cinema, proporcionando-nos bom cinema, chinês, clássicos ocidentais e contemporâneos, assumindo uma vertente de aposta na qualidade, que a sua condição de serviço público há muito exigia. Enveredasse a sua congénere chinesa pelo mesmo caminho e talvez conseguisse distinguir-se e encontrar um maior nicho, baseado na programação de qualidade, na difícil competição que mantém com as televisões de Hong Kong e agora do continente chinês. Não me parece existir outra saída para o serviço público de televisão em Macau que não seja a formação do seu público, ainda que este seja uma minoria. Seja como for, em termos de massas, dificilmente

poderá a TDM combater a supremacia de Hong Kong. A TV local, para além de precisar de apostar em produção própria, na qual a população de Macau se veja e reveja, poderá ter este papel de transmissor de cultura, de espaço de abertura ao mundo, mostrando o que se vai fazendo, por exemplo, nos países de língua portuguesa, já que é

Não temos uma cinemateca, não temos um museu da fotografia, não temos um museu da marioneta, não temos uma escola de artes performativas; temos, é certo, fantásticos espaços onde desenvolver tudo isto; resumindo, há muito para fazer

um dos deveres da RAEM servir de tradutor entre a China e estas culturas.

De uma forma geral, é assim que entendo as saídas para Macau. Por cima. Como espaço onde é possível prescindir de grande parte das sujeições ao comercial e apostar decisivamente em transformar esta cidade num lugar de fácil acesso à cultura,

outra vontade nesta cidade e grandes camadas da população, nomeadamente alguns jovens, exigem hoje outra atitude do governo, nomeadamente em relação ao património cultural. Mas também em relação à vida da cidade. Apesar de pouco se poder esperar da deprimida Fundação Macau, que deveria ser o motor de grandes projectos e desafios culturais, anda qualquer coisa no ar e era bom que os responsáveis a conseguissem cheirar e estimular.

Com a pressão esmagadora dos casinos, é necessário a Macau encontrar outros trajectos no seu quotidiano, oferecer escolhas de qualidade às pessoas, não somente do ponto de vista da oferta cultural mas, sobretudo, da possibilidade de entender a criatividade como opção futura. Só assim conseguirá emergir a "Sociedade de Excelência" que Edmund Ho nos prometeu no seu manifesto de candidatura ao segundo mandato.

Um dos grandes problemas consiste em, precisamente, encontrar um ponto de equilíbrio, por vezes difícil de detectar. Tomo como exemplo o recente concerto do violinista Huang Mengla, no Centro Cultural de Macau. Foi um privilégio assistir a este virtuoso de 27 anos demonstrar as suas inegáveis capacidades. Contudo, a escolha do repertório mostrou, como acontece hoje com muitos destes virtuosos, uma tendência para a escolha de temas de fácil digestão por um público menos ilustrado. Compreende-se. Mas não convém cair em exageros, como aconteceu com Huang Mengla. Se a primeira parte deslumbrou com a interpretação magnífica do Scherzo de Brahms, já a segunda consistiu num constante piscar de olho ao público, com a interpretação de peças mais conhecidas, desaguando na transcrição para violino das árias mais conhecidas da Carmen.

Conclusão: nem sempre vale a pena ter o mundo a seus pés, quando o mistério se reduz finalmente a essa palavra mágica, "Rosebud", ou seja, a uma final contemplação do vazio. Como acontece com Xanadu, também aqui se podem comprar e mostrar muitas coisas. Que depois desaparecem, engolidas pela efemeridade das iniciativas. É nisto que os governantes da RAEM deveriam meditar.